

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Giovana Isabeli da Cunha Rebelo da Silva

**DESCONSTRUINDO O PATRIARCADO POR MEIO DE UMA NARRATIVA INTERSECCIONAL:
EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM DIFERENTES CONTEXTOS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia da Graça Arribas.

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Giovana Isabeli da Cunha Rebelo da Silva, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072159A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado, DESCONSTRUINDO O PATRIARCADO POR MEIO DE UMA NARRATIVA INTERSECCIONAL: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM DIFERENTES CONTEXTOS, desenvolvido durante o período de 14/08/2023 a 11/12/2023 sob a orientação de CÉLIA DA GRAÇA ARRIBAS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, 14 de agosto de 2023

GIOVANA ISABELI DA CUNHA REBELO DA SILVA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

DESCONSTRUINDO O PATRIARCADO POR MEIO DE UMA NARRATIVA INTERSECCIONAL: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM DIFERENTES CONTEXTOS

Giovana Isabeli da Cunha Rebelo da Silva¹

RESUMO:

O presente artigo explora a desconstrução do patriarcado por meio de uma visão interseccional, investigando as experiências de mulheres em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. O artigo destaca a importância de considerar as interseções de classe social, raça, gênero e outros marcadores sociais da diferença no entendimento das desigualdades de gênero. Por meio de uma abordagem qualitativa, foram feitas análises de experiências de mulheres em diferentes contextos, com a finalidade de identificar os mecanismos de opressão e as estratégias utilizadas por essas mulheres para resistir. Enfatizamos então a complexidade das identidades das mulheres e a necessidade de reconhecer as diferentes formas de opressão que interagem em suas vidas. O estudo contribui para uma compreensão mais abrangente das estruturas de poder e promove a busca por um mundo caracterizado pela equidade e inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: patriarcado, interseccionalidade, mulheres, feminismo.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que o patriarcado prevaleceu ao longo da história, oprimindo e produzindo desigualdades de gênero. Apesar disso, com o desenvolvimento do movimento feminista surgiu um novo tipo de abordagem, chamada de interseccionalidade, utilizada para melhor compreender as variadas interações entre os marcadores de classe, gênero, raça e outras características. Diante disso, nosso tema terá como alvo a desconstrução do patriarcado através de uma exposição interseccional que apresente as experiências de duas mulheres em diferentes contextos sociais.

O principal problema que iremos abordar ao decorrer deste artigo refere-se a como as interseções que produzem opressões que moldam a vida das mulheres em diversos contextos podem colaborar para a desconstrução do patriarcado. Nosso objetivo geral é analisar essas experiências de forma interseccional, destacando as lutas e conquistas em busca de igualdade de gênero. Temos também como objetivos específicos a identificação das interseções de privilégio e violência que afetam a vida de mulheres em diferentes contextos sociais e a análise das ações praticadas por elas para resistir e lutar contra as estruturas patriarcais no ambiente em que vivem e em seus contextos.

Como metodologia utilizaremos uma pesquisa qualitativa por meio de análises bibliográficas. A perspectiva interseccional servirá como o elemento central que possibilitará uma compreensão mais abrangente das diversas dinâmicas presentes na vida das mulheres em seus diferentes cenários. Por meio deste estudo visamos contribuir para uma melhor compreensão das complexas estruturas de poder que atravessam a nossa sociedade e auxiliar na produção do avanço de um mundo caracterizado pela equidade e inclusão.

Nos próximos dois pontos, para melhor compreendermos o tema abordado neste trabalho, apresentaremos brevemente um pouco da história e os conceitos de patriarcado e de interseccionalidade. Logo após isso, nos pontos 3 e 4 abordaremos a experiência de duas mulheres em diferentes contextos sociais e as suas formas de resistência contra o patriarcado por meio de uma narrativa interseccional.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: 13612566644@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Profa. Dra. Célia da Graça Arribas

2.1 O PATRIARCADO

Quando falamos sobre a história do patriarcado é difícil definir o seu início, pois ele possui origens antigas e esteve presente em várias formas de sociedades, desde a antiguidade até os tempos modernos. Sobre a definição do conceito de patriarcado, podemos defini-lo como um sistema político, social e cultural onde os homens possuem grande poder nas diversas áreas da vida, enquanto as mulheres são subalternizadas. Isso acaba resultando em uma hierarquia que limita as oportunidades das mulheres e reforça os estereótipos de gêneros.

O patriarcado é um sistema político-social que insiste que os homens são inerentemente dominadores, superiores a tudo e a qualquer um considerado fraco, especialmente mulheres, e dotados do direito de dominar e reinar sobre todos os fracos e manter essa dominância por meio de várias formas de terrorismo psicológico e violência. ²(HOOKS, 2004, p. 38, tradução nossa).

Normas culturais, religiosas e legais reforçam as estruturas patriarcais e já fizeram com que mulheres se submetessem à subordinação masculina e ao isolamento de atividades como a participação em decisões políticas e até mesmo ao direito de possuir educação. Durante os movimentos feministas que ocorreram nos séculos XIX e XX, as teorias feministas que foram criadas passaram a analisar criticamente as estruturas patriarcais, dando foco para as questões de igualdade de gênero. É preciso ter em mente que o patriarcado não se restringe a um período ou a uma cultura específica, ele apresenta manifestações variadas em todo o mundo.

Diversas autoras feministas abordaram o tema do patriarcado em seus trabalhos, analisando as formas como ele se manifesta e os impactos que são por ele gerados. Em sua obra intitulada "O Segundo Sexo" a autora Simone de Beauvoir realiza uma análise a respeito de como ocorre a construção da feminilidade e da submissão das mulheres no meio social e também analisa e destaca as formas de perpetuação da opressão feminina por meio das estruturas patriarcais.

2.2 A INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade é um termo que teve origem no âmbito do feminismo negro, sendo inicialmente introduzido pela acadêmica e advogada Kimberlé Crenshaw nos anos 1980. A essência da interseccionalidade reside na compreensão de que as identidades e experiências sociais não devem ser examinadas de forma isolada, mas sim em consideração às diferentes formas de opressão e privilégio que uma pessoa pode vivenciar simultaneamente.

Kimberlé Crenshaw introduziu o conceito de "interseccionalidade" em sua obra para abordar as limitações do feminismo frequentemente centrado nas vivências de mulheres brancas de classe média. Crenshaw sustentava que as mulheres negras, por exemplo, enfrentavam formas distintas de discriminação que não podiam ser plenamente compreendidas ao examinar apenas o gênero ou a raça isoladamente. Ela enfatizou a complexa interconexão e sobreposição das experiências de discriminação. "[...] as concepções operativas de raça e sexo se tornam ancoradas em experiências que, na realidade, representam apenas um subconjunto de um fenômeno muito mais complexo" (CRENSHAW, 1989, p. 140).

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e

² Patriarchy is a political-social system that insists that men are inherently dominant, superior to anything and anyone considered weak, especially women, and endowed with the right to dominate and reign over all weak and maintain this dominance through various forms of psychological terrorism and violence.

outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

A interseccionalidade reconhece que as pessoas possuem múltiplas identidades, as quais podem se entrelaçar, resultando em experiências singulares de opressão ou privilégio. Estas identidades englobam, mas não se limitam à raça, gênero, classe social, orientação sexual, habilidades físicas, origem étnica, religião e outras características que influenciam a jornada de vida de cada indivíduo.

[...] em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social. (COLLINS, 2020, p.17)

O conceito destaca a importância de considerar a complexidade das interações entre diversas formas de discriminação. Por exemplo, uma mulher negra pode enfrentar formas específicas de discriminação que diferem das experiências de uma mulher branca ou de um homem negro. A interseccionalidade sublinha a necessidade de políticas e movimentos sociais que reconheçam essa complexidade para abordar de maneira eficaz as desigualdades.

Em resumo, a interseccionalidade desempenha um papel crucial na desconstrução do conceito de patriarcado ao fornecer uma abordagem mais complexa, contextualizada e inclusiva das questões de gênero. Essa análise mais ampla é necessária para desafiar e transformar as estruturas de poder desiguais que sustentam o patriarcado e outras formas de opressão.

3.1 FLORA TRISTAN

Nos pontos 3.1 e 3.2 deste trabalho me dedicarei a falar sobre a história de Flora Tristan, e como ela resistiu ao patriarcado por meio de uma narrativa interseccional. Flora Tristan, nasceu no dia 7 de abril de 1803 e era filha de um membro da aristocracia peruana e de uma francesa que possuía origem humilde. Flora possuía uma vida tranquila, sua casa em Paris era visitada por pessoas notáveis, como por exemplo Simón Bolívar, mas logo essa vida tranquila foi abalada. Aos quatro anos de idade Flora perdeu o seu pai, que deixou filha e mãe em uma situação financeira complicada, pois como os pais de Flora não haviam se casado no Civil, o casamento não foi reconhecido pelas autoridades francesas. Consequentemente, ela não recebeu reconhecimento formal como herdeira legítima de seu pai e carregava então o peso de ser uma filha ilegítima, por ter nascido fora do casamento de seus pais, e dadas suas condições como mulher, bastarda, órfã e desprivilegiada, foi-lhe negada a oportunidade de receber educação, se tornando então autodidata.

Com apenas 17 anos, Flora se casou com seu empregador, André-François Chazal, um homem de índole violenta. Quatro anos mais tarde, ela se viu abandonada por ele, com a responsabilidade de criar dois filhos e com uma terceira criança a caminho. Com isso Flora iniciou uma longa luta pelo divórcio e saiu da casa em que vivia e passou a viver como se fosse um tipo de fugitiva, trabalhando muito para conseguir sustentar sozinha os seus filhos, pois não possuía nem mesmo o apoio de sua mãe que considerava Flora uma péssima mulher por ter desistido do casamento e abandonado o marido. Com isso Tristan adquiriu então mais uma característica desfavorável para mulheres que pertenciam a aquele contexto social.

Anos mais tarde, quando Flora estava ganhando reconhecimento por meio de seus trabalhos (que citaremos mais tarde), Chazal ainda a perseguiu pelas ruas e a espancou, além disso ele tentou tomar a custódia de seus filhos por meio da justiça e até mesmo sequestrou sua filha Alina. Chazal tentou assassinar Flora, que foi atingida por dois tiros nas proximidades de seu coração. Ela resistiu aos ferimentos e se recuperou, descrevendo o episódio como se "Deus tivesse engolido as duas balas", as quais permaneceram alojadas em seu peito. Apesar

da aparente melhora, esse incidente gradualmente debilitou sua saúde, resultando em sua morte alguns anos mais tarde, em 14 de novembro de 1844.

3.2 FLORA TRISTAN E A SUA RESISTÊNCIA AO PATRIARCADO POR MEIO DE UMA NARRATIVA INTERSECCIONAL

Embora o termo "interseccionalidade" seja uma construção teórica mais contemporânea, cunhada por Kimberlé Crenshaw na década de 1980, podemos analisar como a vida e obra de Flora Tristán oferecem exemplos de uma abordagem interseccional ao feminismo, integrando a compreensão das complexas interações entre gênero, classe, raça e outras dimensões da identidade em sua crítica ao patriarcado.

Flora Tristán abordou a interseccionalidade ao conectar as questões de gênero com as de classe social. Sua obra "União Operária" propôs a união de mulheres e trabalhadores, reconhecendo que a opressão de gênero muitas vezes se entrelaça com a opressão de classe. Ao destacar as experiências das mulheres trabalhadoras, ela demonstrou como as desigualdades de gênero eram exacerbadas quando combinadas com disparidades econômicas.

Provem que são justos e igualitários reivindicando justiça; homens fortes, homens com os braços nus, proclamem que vocês reconhecem a mulher como seu igual e que por esta razão vocês reconhecem que ela tem igual direito aos benefícios da UNIÃO UNIVERSAL DOS OPERÁRIOS E DAS OPERÁRIAS. (TRISTAN,2016,p.129)

Flora Tristán não apenas se concentrou nas experiências das mulheres em sua própria realidade, mas também reconheceu e destacou as lutas de mulheres em diferentes contextos sociais. Em sua viagem ao Peru, Flora Tristán também abordou questões de colonialismo e como isso afeta as mulheres. Ao se envolver com mulheres indígenas e trabalhadoras durante sua estadia, ela trouxe uma perspectiva interseccional ao feminismo, reconhecendo que as experiências das mulheres variam com base em sua etnia e classe social.

Construir outras vozes que abram novos caminhos para o reconhecimento das causas das mulheres, das desvantagens acrescidas pela classe, etnia, raça, dissidência sexual, da ausência de voz das mulheres indígenas, negras, trans, trabalhadoras sexuais. Recordo a potência dessa voz não ouvida, que me ensinou a ouvir a feminista negra brasileira Lélia Gonzalez, que em um de nossos vários encontros me dizia: o feminismo é racista, talvez não por ação, mas sim por omissão! Não temos nossa voz posta, por isso gritamos para ser ouvidas. E esse era um grito que mostrava o caminho contra o racismo e mais: contra o sexismo, a misoginia, a homofobia, a heterossexualidade compulsiva... São os gritos das subjetividades politizadas, que não apenas assumem a diferença, mas evidenciam sua profunda desigualdade. Isso é mostrar o caminho! (VARGAS, Virginia, Flora Tristán: pionera feminista, socialista, internacionalista. In: TRISTAN, Peregrinações de uma Paria 2015, P.17, tradução nossa)³.

³ Construir otras voces que abran nuevos caminos para el reconocimiento de las causas de las mujeres, de las desventajas añadidas por clase, etnia, raza, disidencia sexual, de la ausencia de voz de las mujeres indígenas, negras, trans, trabajadoras sexuales. Recuerdo la potencia de esa voz no escuchada, que me enseñó a oír la feminista negra brasileña Lélia Gonzalez, quien en uno de nuestros varios encuentros me decía: el feminismo es racista, quizá no por acción, ¡pero sí por omisión! No tenemos nuestra voz pues-ta, por eso gritamos para la escucha. Y ese era un grito que mostraba el camino contra el racismo y más: contra el sexismo, la misoginia, la homofobia, la heterossexualidad compulsiva... Son los gritos de las subjetividades politizadas, que no solo asumen la diferencia, sino que evidencian su profunda desigualdad. ¡Eso es mostrar el camino!

Ao abordar não apenas a opressão de gênero, mas também as questões sociais e econômicas, Flora Tristán adotou uma abordagem holística para desafiar as estruturas patriarcais. Sua visão considerava a interconexão entre diferentes formas de opressão, reconhecendo que a luta contra o patriarcado estava intrinsecamente ligada a outras formas de injustiça social.

4.1 BELL HOOKS

Gloria Jean Watkins é o verdadeiro nome de bell hooks. Ela nasceu em 1952, em Hopkinsville, uma pequena cidade de Kentucky, localizada no sul dos Estados Unidos. Nascida em uma família de classe trabalhadora, na qual seu pai era um zelador e sua mãe uma dona de casa, bell hooks cresceu ao lado de cinco irmãs e um irmão. Seu pseudônimo, bell hooks, é uma homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks, conhecida por sua franqueza. Desde a infância, bell hooks gostava de expressar suas ideias, e ao adotar o nome da bisavó ao começar a escrever, ela reivindicou esse legado de falar a verdade de forma direta.

Por ter nascido como mulher negra no sul dos Estados Unidos nos anos 1950, em meio a uma segregação racial e em uma família patriarcal, significava pertencer a um mundo onde as oportunidades para mulheres negras se limitavam principalmente ao trabalho doméstico, casamento e maternidade. No âmbito profissional, jovens que gostavam de ler e estudar, como hooks, geralmente tinham como opção a carreira de professora. Em seu livro de memórias "Wounds of Passion: a Writing Life" (1997), bell hooks compartilha que, naquela época, ser professora implicava em escolher uma vida celibatária (o estado em que determinada pessoa se compromete em não se casar ou manter relações sexuais com outra). O ensino era então quase visto como uma vocação sagrada. Em geral, as meninas não eram encorajadas a se desenvolver intelectualmente, pois, como afirmava o pai de bell hooks, "os homens não gostam de mulheres que falam o que pensam" (HOOKS, 1997). Na infância, por expressar seus pensamentos, Hooks até mesmo recebia punições dentro do seu ambiente familiar.

Para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos eram infinitas. Elas tinham o propósito de silenciar – a criança, mais particularmente a menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar. (HOOKS, 2019a, p. 32)

Mesmo que bell hooks não tenha sido encorajada intelectualmente em casa, na escola segregada em que frequentou, ela encontrou professoras negras que valorizavam sua inteligência. Essas professoras não viam a boa educação apenas como a transmissão de conhecimento e a preparação para uma profissão. Ao contrário, incentivavam tanto o intelecto quanto o compromisso com a justiça social, especialmente a igualdade racial. Isso foi crucial para a formação de bell hooks. Depois de algum tempo, a escola deixa de ser o seu refúgio e lugar de incentivo, uma vez que a escola passa a ser dessegregada.

Durante a profunda tristeza dos meus anos de adolescente, era frequente eu me ver em uma aula de História, no fim da tarde, chorando silenciosamente. Ao meu redor, estudantes e professor fingiam não notar. O ensino médio havia sido dessegregado recentemente. Para alcançar esse objetivo, estudantes negros eram forçados a se levantar mais cedo que o de costume e ir de ônibus para escola "branca", onde seríamos amontoados no ginásio e obrigados a esperar que os estudantes brancos chegassem e entrassem na escola primeiro. Pela lógica da supremacia branca, era assim que se mantinha a paz. [...] Não era de se espantar, então, que, em uma sala de aula só de pessoas brancas, com apenas dois estudantes negros, ninguém quisesse reconhecer meus sentimentos, meu sofrimento (HOOKS, 2020, p. 128-129).

Em 1970, aos dezoito anos, bell hooks inicia uma nova etapa dos seus estudos na Universidade de Stanford, na Califórnia, para cursar Língua Inglesa. Contudo, hooks logo percebe que o ambiente universitário também é extremamente hostil para pessoas negras, especialmente para as mulheres. Ainda assim bell hooks persistiu e em 1973 finaliza a graduação e, em 1976, conclui o mestrado em inglês na Universidade de Wisconsin-Madison. Em 1983, após anos lecionando e escrevendo, funda seu doutorado em Literatura pela Universidade da Califórnia.

4.2 BELL HOOKS E A SUA RESISTÊNCIA AO PATRIARCADO POR MEIO DE UMA NARRATIVA INTERSECCIONAL

Após essa breve apresentação sobre a vida de bell hooks, iremos falar agora sobre como ela resistia ao patriarcado por meio de uma narrativa interseccional. Como já sabemos, a interseccionalidade fundamenta-se na ideia de que as identidades e vivências sociais não devem ser analisadas de maneira isolada, mas sim levando em conta as diversas formas de opressão e privilégio que uma pessoa pode experimentar ao mesmo tempo. Em "Ain't I a Woman?: Black Women and Feminism" a autora bell hooks não apenas desconstrói o patriarcado por meio de uma análise teórica, mas também utiliza experiências reais e narrativas vivas.

bell hooks emprega a interseccionalidade como um ponto de vista central para examinar as vivências das mulheres negras. Isso implica que ela avalia como diversas formas de opressão (gênero, raça, classe) se entrelaçam e se manifestam nas vidas dessas mulheres. Ela explora as interseções de opressões para destacar as complexidades das experiências das mulheres, desafiando assim visões simplificadas do patriarcado.

Não podemos formar uma imagem exata dos status das mulheres simplesmente chamando à atenção ao papel desempenhado pelas mulheres debaixo do patriarcado. Mais especificamente, não podemos formar uma imagem exata do status das mulheres negras simplesmente focando sobre a hierarquia racial. (HOOKS, 2019, p.12).

hooks contribui para um diálogo crítico no âmbito do feminismo ao questionar abordagens exclusivistas e desafia a hegemonia de perspectivas específicas. Ela busca uma compreensão mais abrangente que reconheça as diversas dimensões da identidade das mulheres negras, reconhecendo que não há uma única narrativa que represente todas elas.

Desde o início do meu envolvimento com o movimento de mulheres fiquei incomodada pela insistência das mulheres brancas liberacionistas que a raça e o sexo eram duas questões separadas. A minha experiência de vida mostrou-me que as duas questões são inseparáveis, que no momento do meu nascimento, dois fatores determinaram o meu destino, ter nascido negra e ter nascido mulher. (HOOKS, 2019, p.12).

bell hooks reconhece que esse tipo de abordagem pode marginalizar e negligenciar a ampla variedade de experiências de vida das mulheres negras. Além disso, ela desafia a concepção de que uma única narrativa pode representar com precisão a complexidade das vivências das mulheres negras. Em vez disso, hooks luta pela valorização e celebração da diversidade. Isso implica reconhecer que as experiências das mulheres negras são moldadas por diversos fatores, e suas vozes e histórias individuais são essenciais para uma compreensão completa de suas vidas. Hooks então defende um feminismo integrador que não se concentra apenas nas experiências das mulheres brancas de classe média, mas também inclui as experiências das mulheres de diferentes raças, etnias e classes sociais.

Também em sua obra "Ain't I a Woman?: Black Women and Feminism" a autora realiza uma análise sobre como a mídia é utilizada como meio de perpetuação das normas patriarcais. Por meio de uma abordagem interseccional hooks estuda as formas pelas quais diferentes grupos são representados e como essas representações podem reforçar as estruturas patriarcais.

Uma vez vendo a televisão americana vinte e quatro horas por dia por uma semana inteira aprende-se a forma na qual é percebida a mulher negra na sociedade americana – a imagem predominante é a da mulher “decadente”, a vaca, a puta, a prostituta. O sucesso do condicionamento racista-sexista do povo americano em ver as mulheres negras como criaturas de pouco esforço ou valor é evidente quanto politicamente conscientes as feministas brancas minimizam a opressão sexual das mulheres negras, como Brownmiller faz. Ela não informa os leitores de que os homens brancos continuam a assaltar sexualmente as mulheres negras muito depois de a escravidão ter terminado e que tais violações foram socialmente sancionadas. Ela não assinala que a primeira razão da violação das mulheres negras foi nunca receber nem sequer pouca atenção como as mulheres brancas receberam, porque as mulheres negras foram sempre vistas pelo público branco como sexualmente permissivas, disponíveis e ávidas pelos assaltos sexuais de qualquer homem, negro ou branco. (HOOKS, 2019, p.39).

Neste trecho da obra "Ain't I a Woman?: Black Women and Feminism", são abordadas as representações estereotipadas e preconceituosas das mulheres negras na sociedade americana, especialmente na mídia. Hooks argumenta que a sociedade americana é condicionada, tanto racial quanto sexualmente, a perceber as mulheres negras de maneira depreciativa, apontando para o papel significativo desempenhado pela mídia na promoção de visões distorcidas e preconceituosas dessas mulheres.

A crítica de bell hooks às feministas brancas, incluindo Brownmiller, destaca a minimização da opressão sexual das mulheres negras por parte dessas feministas. A falta de reconhecimento dessa opressão, conforme argumenta hooks, contribui para a perpetuação das violações sexuais e a falta de responsabilização dos agressores. A autora também destaca o histórico de violência sexual contra mulheres negras, mesmo após o término da escravidão, e ressalta como essas violações foram socialmente sancionadas. Ela enfatiza a necessidade de entender a intersecção entre racismo e sexismo na análise dessas questões.

A representação estereotipada das mulheres negras na mídia, conforme analisado por hooks, é apontada como reforçadora das normas patriarcais. Ao retratar essas mulheres como "decadentes", "vacas", "putas" e "prostitutas", a mídia as desumaniza e as reduz a meros objetos sexuais, contribuindo para a objetificação, um elemento central nas normas patriarcais que reduzem as mulheres ao seu valor sexual.

Em outros programas de televisão a imagem predominante das mulheres negras são de objeto sexual, prostitutas, vacas, etc. A segunda imagem é a gorda e irritante figura maternal. Mesmo esses programas que elencam crianças do sexo feminino negras, retrataram-nas dentro do modelo dos estereótipos negativos. (HOOKS, 2019, p.48).

A descrição de hooks sobre a percepção pública das mulheres negras como "sexualmente permissivas, disponíveis e ávidas pelos assaltos sexuais de qualquer homem, negro ou branco" reforça estereótipos patriarcais e racistas associados à disponibilidade sexual e à falta de autonomia sobre seus corpos. Além disso, bell hooks analisa como a violência sexual foi socialmente sancionada em certo momento da história e destaca como isso reforça as normas patriarcais ao normalizar a violência sexual e perpetuar a ideia de que as mulheres, especialmente as mulheres negras, são vulneráveis e submissas aos desejos masculinos.

De acordo com hooks a interseccionalidade pode desconstruir as representações distorcidas e prejudiciais que foram criadas sobre as mulheres negras. Ao incorporar uma perspectiva interseccional, reconhecemos a diversidade de identidades e experiências das mulheres negras. Isso envolve contar histórias que vão além dos estereótipos, destacando as complexidades das vidas dessas mulheres e desafiando a narrativa única que perpetua normas patriarcais. Valorizar e celebrar a autenticidade das mulheres negras, suas vozes e experiências individuais é fundamental. A interseccionalidade incentiva a compreensão de que não existe uma

única maneira "correta" de ser uma mulher negra, desafiando os padrões estereotipados impostos pela sociedade patriarcal.

Ao questionar e desafiar os estereótipos raciais e sexuais entrelaçados, a interseccionalidade contribui para a desconstrução dessas representações. Isso envolve desafiar as noções de disponibilidade sexual, decadência e outras ideias prejudiciais que foram historicamente associadas às mulheres negras. Ao reconhecer a violência sexual histórica e sistêmica contra as mulheres negras, a interseccionalidade promove a conscientização e a responsabilização. Isso envolve desafiar a omissão de tais narrativas na história e na análise social, abrindo espaço para discussões críticas sobre justiça e igualdade.

Em síntese, a interseccionalidade dismantela as representações prejudiciais das mulheres negras na mídia ao reconhecer a complexidade de suas identidades, desafiar estereótipos, capacitar as mulheres a narrarem suas próprias histórias e promover uma consciência crítica sobre as interseções de opressão que moldam suas vidas. Essa abordagem mais abrangente é fundamental para desconstruir as normas patriarcais profundamente enraizadas na sociedade. bell hooks, por meio de uma narrativa interseccional, desafia e desconstrói o patriarcado ao reconhecer a complexidade das experiências das mulheres e destacar as interseções de diversas formas de opressão. Ela advoga por um feminismo integrador, buscando inclusão e equidade para todas as mulheres, independentemente de suas diversas outras identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho explorou a interseccionalidade como uma ferramenta crucial para a desconstrução do patriarcado como conceito e como um fenômeno social, analisando as experiências de Flora Tristan e Bell Hooks em diferentes contextos sociais. A interseccionalidade, concebida como a interconexão entre gênero, raça, classe e outras dimensões da identidade, revelou-se fundamental na compreensão das complexas dinâmicas que moldam as vidas das mulheres.

Ao abordar a história do patriarcado, destacou-se sua presença ao longo do tempo e em diversas culturas, resultando em uma hierarquia que subalterniza as mulheres. Em outras palavras, trata-se de pensar o sistema de opressão de gênero e a dominação masculina, que variam ao longo da história e entre as culturas. A interseccionalidade, por sua vez, emergiu como uma abordagem valiosa para compreender as interações entre diferentes formas de opressão e privilégio, segundo uma perspectiva que pensa as diferenças entre as mulheres, diferenças em termos de raça, classe, sexualidade, região, religião etc. Ou seja, o patriarcado enquanto conceito não dá conta de pensar as diferenças entre as mulheres, apenas olha para as relações desiguais entre homens e mulheres.

As experiências de Flora Tristan foram apresentadas como um exemplo de resistência interseccional. Nascida em uma situação desprivilegiada e desafiando normas sociais, Flora enfrentou as complexidades do patriarcado ao se tornar autodidata, lutar por seu divórcio e engajar-se na defesa dos direitos das mulheres trabalhadoras. Sua narrativa interseccional conectou as questões de gênero e classe, proporcionando uma compreensão mais abrangente das desigualdades enfrentadas.

bell hooks, nascida em uma família de classe trabalhadora no sul dos Estados Unidos, ofereceu uma análise interseccional por meio de suas experiências. Desde a infância, hooks desafiou as expectativas patriarcais ao expressar suas ideias, enfrentando resistência até mesmo em seu ambiente familiar. Sua jornada acadêmica e a posterior crítica ao feminismo branco demonstraram como as interseções de raça, classe e gênero moldaram sua vida.

A análise da obra de bell hooks, especialmente "Ain't I a Woman?: Black Women and Feminism", revelou sua resistência ao patriarcado por meio de uma narrativa interseccional. Hooks desconstruiu estereótipos e criticou as representações prejudiciais das mulheres negras na mídia. Ela enfatizou a importância de reconhecer a diversidade de experiências e identidades, desafiando a narrativa única que perpetua normas patriarcais.

Entendemos então que a interseccionalidade, como evidenciada pelas experiências de Flora Tristan e bell hooks, desempenha um papel crucial na desconstrução do patriarcado. Ao considerar as interações complexas entre diferentes formas de opressão, essa abordagem proporciona uma compreensão mais completa das lutas e conquistas das mulheres em busca da igualdade de gênero. A valorização da diversidade de vozes e a desconstrução de estereótipos são passos essenciais rumo a uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Luna Ribeiro. Flora Tristan, uma semente subversiva. **Marxismo Feminista**, 2021. Disponível em: <<https://marxismofeminista.com/2021/04/08/flora-tristan-uma-semente-subversiva/>>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1.ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.
- CRENSHAW, Kimberlé. "Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, p. 139-167, 1989.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. Tradução Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução: Bhuvi Libânio. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, Bell. **Wounds of Passion: a witting life**. New York: New York and London: Routledge, 1997.
- TRISTAN, Flora. **Pérégrinations d'une paria**. Paris: ActesSud, 2004.
- TRISTAN, Flora. **União operária**. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.
- VENTURA, Dália. Flora Tristán: a vida extraordinária da sindicalista feminista que inspirou até Karl Marx. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-63614378>>. Acesso em: 22 nov. 2023.